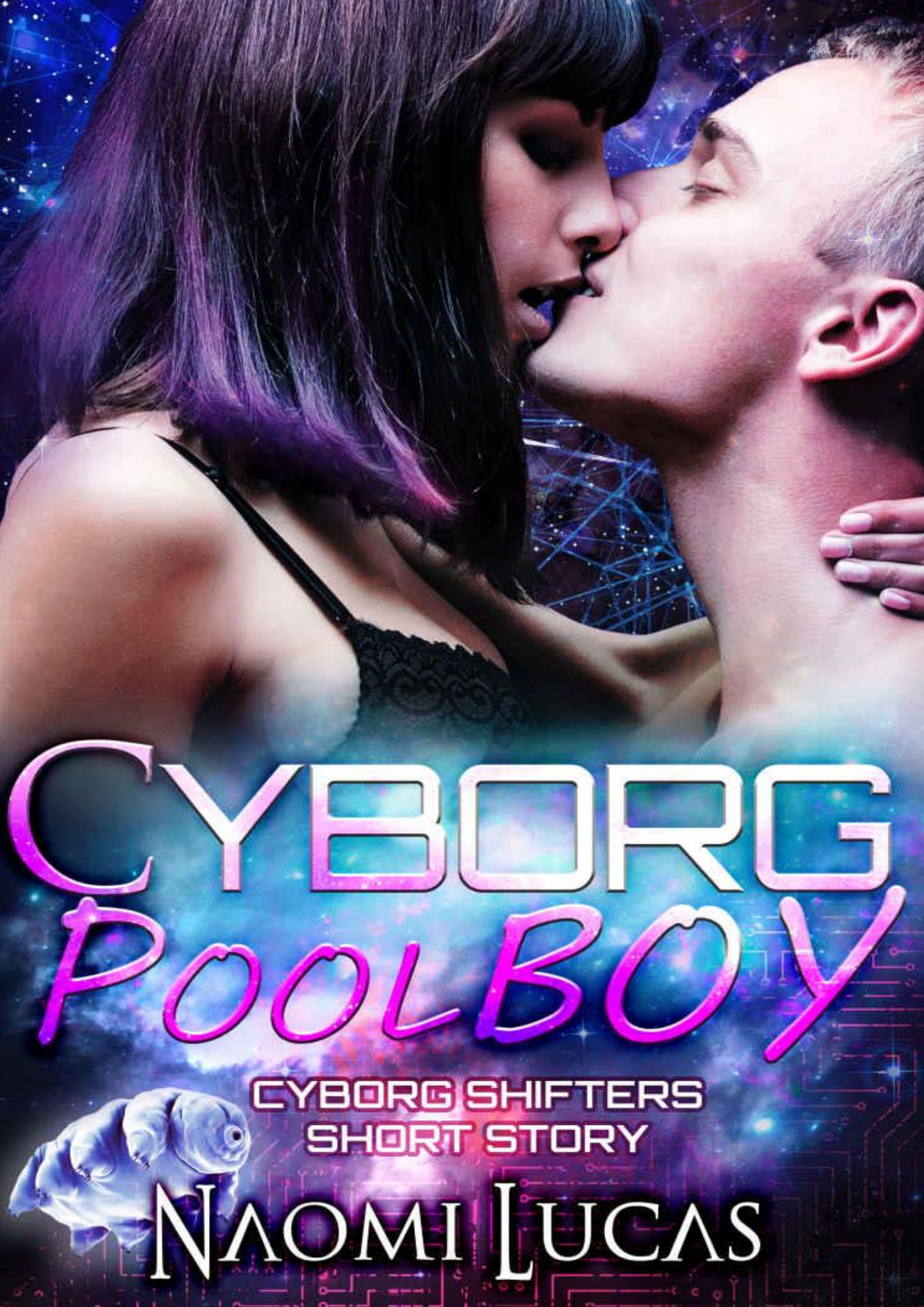

CYBORG
POOLBOY
CYBORG SHIFTERS
SHORT STORY
NAOMI LUCAS

NAOMI LUCAS



Staff

Tradução: Athenna Keepers

Revisão Inicial: Akira Keepers

Revisão Final: Morrigan Keepers

Leitura e Conferência: Nana Keepers

Formatação: Aysha Keepers

CYBORG POOLBOY

CYBORG SHIFTERS



Sinopse

O que uma herdeira fabulosamente rica poderia fazer quando um monstro alienígena se instala em sua piscina? Chame um caçador de monstros Cyborg, obviamente.

Mal sabia ela que ela acabou de contratar um monstro para derrubar outro monstro.

Um

Ela desceu os degraus de seu jato espacial interestelar privado, cambaleando com tonturas e náuseas. *Toda vez*, ela fez beicinho. Toda vez que ela era forçada a ajustar seu corpo a um novo ambiente, deixava-a doente por dias, às vezes semanas. Lucy estendeu a mão e agarrou o braço do androide.

— Aguardando ordens senhor. Ele disse.

Ela respirou fundo para aliviar o estômago.

— Por favor, me leve para dentro. Eu não me sinto bem.

O androide a pegou e a levou para a mansão de um bilhão de dólares. Foi à única coisa que ela herdou que ela realmente queria. Uma dúzia de androides militarizados seguiu de perto. Outra dúzia protegia o perímetro.

Eles a carregaram pelo vestíbulo e a colocaram em uma marquise que dava para os jardins exóticos. Seu lugar favorito no universo. Onde flores claras desabrochavam até onde os olhos podiam ver, e enormes árvores em espiral ramificavam-se em folhas igualmente grandes. Aninhada no meio do jardim, havia uma grande piscina, com um belo paisagismo para se misturar com o resto do ambiente.

Lucy franziu a testa.

Seu azul índigo tinha ficado marron. As flores deslumbrantes ao longo das bordas estavam murchando e afundando na água escura, enquanto as trepadeiras se retorciam como cobras.

Entre as sombras do crescimento excessivo, havia reflexos brilhantes de metal. *O que aconteceu?*

Ela não visitava Loxuria, sua propriedade favorita da infância, desde seu décimo primeiro aniversário. No dia seguinte, após a celebração, o Sr. e a Sra. Larkswest fizeram as malas e a enviaram para frequentar um colégio interno na Terra.

Deus, como ela adorou.

Lucy encostou-se no parapeito da janela de cristal e pressionou a testa. O frio saindo do vidro pouco ajudou a aliviar sua crescente dor de cabeça.

Ela inalou e um perfume floral encheu suas narinas. Casa. Cheirava a casa.

Frequentar a escola salvou sua vida. Ela odiava se despedir de sua liberdade, mas estar atrás das paredes fechadas da escola a protegia de seus pais e de seus muitos e *muitos* padrões. Tudo o que ela conheceu, exceto um: sua incapacidade de se acostumar com as viagens espaciais.

Ugh.

Lucy procurou o androide mais próximo.

— O que aconteceu com a piscina?

— A vida selvagem local se estabeleceu dentro da água. Os diagnósticos atuais indicam que um organismo grande está se aninhando.

— Um organismo grande? Lucy voltou sua atenção para o amplo terreno do lado de fora. Seu olhar procurou em todos os lugares que podia, sob todas as folhas grandes e ao redor de cada pináculo, por qualquer sinal de uma criatura, mas não encontrou nada, exceto topiaria lindamente mal-arranjado.

— Sim, senhora, respondeu.

— Por que a segurança da casa não se livrou disso?

— De acordo com os dados armazenados, a casa tentou, mas o que quer que habite não será movido nem erradicado. Os robôs de limpeza estão apanhando e reparando os danos que a amostra alienígena causou há vários anos.

Lucy se afastou. - Muitos anos? Loxuria é uma propriedade de Larkswest, meus pais até se certificaram de ter sua certificação fora do mundo como um local de triagem se a humanidade algum dia fosse atacada. Há armazenamento suficiente aqui para abrigar confortavelmente mil pessoas por mil anos. Existe até um certificado para abrigar o presidente. Como um alienígena poderia entrar?

— A casa acredita que você a trouxe.

O rosto dela se enrugou. — Isso não é possível. Não volto aqui há dezoito anos...

Uma lembrança ressurgiu dela brincando de esconde-esconde com androides feitos para parecer e agir como crianças da idade dela. Ela escapou do local porque era impossível se esconder *daqueles* androides de qualquer outra maneira, e ela não queria perder para eles novamente.

— Oh. Certo.

Depois de sua ousada fuga pela sebe da topiaria, ela tropeçou em uma flor que nunca tinha visto antes e achou que ficaria perfeita entre as outras no jardim.

Seus pais não se incomodaram com seu ato perigoso. Na verdade, eles ficaram mais chateados com ela desobedecer a um

pedido. *"Fique dentro e fora de problemas! Você nunca sabe onde estariam os paparazzi."*

Lucy bufou. Mais como uma demanda...

Mas os Larkswests sempre insistiram que exigir algo era de classe baixa, e que pessoas como eles - como ela - solicitavam. Eles *pediram* que ela nunca saísse do local sem supervisão armada; portanto, em sua mente jovem, ela não havia feito nada errado.

— Era a flor, não era? ela perguntou sem esperar uma resposta real.

— Espécime alienígena 108. Sim, senhora Lucy.

"Por que você não se livrou disso quando era pequena?" ela chamou, olhando para o teto, abordando a própria casa. — Antes da destruição? Não que ela descrevesse o que aconteceu do lado de fora de destruição, mais como um belo caos, mas robôs não-sencientes não se importavam com opiniões humanas.

—Quando você a trouxe, nós a aceitamos como parte do ecossistema externo. Seu falecido pai e mãe nunca esqueceram...

—Pare, por favor. Ela interrompeu. Pensar em seus pais e em suas ações a fez se sentir doente. Se ela pudesse concentrar toda sua atenção no problema em questão, então talvez ela se sentisse feliz do outro lado.

Eu vou me livrar disso sozinha. Suas costas se endireitaram. *Terei meu dia normal, pacífico, tranquilo e maravilhoso amanhã.*

Pelo menos esta situação não foi nada em comparação com a sua última visita a Elyria e como a secretária do seu irmão a confundiu com uma sexbot, ou quando o seu irmão ultrapassou os

sistemas da sua nave e a mandou voar pela mesma galáxia durante dois meses seguidos, fazendo-a perder os exames finais, ou quando um designerde roupa trentiano a manteve presa no seu estúdio durante seis meses porque ela era a sua musa.

Um androide próximo apareceu ao seu lado.

— Senhora Lucy, o que você gostaria que fizéssemos?

Lucy estreitou os olhos.

— Chame todos os meus guardas e garanta que eles venham com armas, ela ordenou, arrancando os saltos pretos e arregaçando as mangas.

Dois

Lucy ficou na varanda, olhando para o jardim. Androides a ladeavam de ambos os lados. Eles esperaram pacientemente juntos enquanto o sacrifício escolhido, caminhava lentamente pela água enquanto enviava imagens de volta para os outros.

Havia muito mais dano do que ela pensara originalmente. Grande parte fora escondida pelas enormes plantas tropicais que cresciam ao redor das paredes e pela firme determinação de sua equipe robótica em tentar reparar as partes danificadas à sua beleza original.

Mas rachaduras corriam pelas paredes e a metade traseira da piscina havia se tornado uma lagoa perigosa. O que quer que estivesse invadindo seu paraíso cavou fundo na fundação.

Suas narinas se alargaram e sua barriga se agitou com inquietação. *Tudo o que eu queria era uma fuga - um período feliz para mim antes que os advogados me encontrassem*.

Se fosse possível morrer de susto, ela teria morrido ontem.

De repente, o androide dentro da água desapareceu.

— O que?

Lucy deu um passo mais perto e se inclinou sobre o parapeito de mármore.

— Perdemos o sinal com 10567.

— Estava lá!

— Gostaria que investigássemos, senhora?

— Não! Lucy respondeu rapidamente. Ela apertou os olhos e se adiantou. Um segundo *estava* lá, o seguinte... Tudo o que

restava do robô eram ondas de água saindo de onde havia desaparecido. — Não, ela repetiu baixinho. —Você disse que era um organismo grande? Com o que se parece?

Uma imagem holográfica apareceu ao lado dela, mostrando-lhe inúmeras fotos de uma planta selvagem em plena floração. Era comprida, fina e arredondada ligeiramente em trepadeiras de videiras. Em vez de pernas dianteiras e traseiras, a criatura tinha tentáculos parecidos com trepadeiras, que se separavam mais uma vez e depois se dividiam novamente, tornando os tentáculos muito mais numerosos e menores, quanto mais distantes do corpo principal. Ventosas grossas e amassadas cobriam a parte de baixo delas. O animal inteiro parecia ridículo para ela. Como uma espécie de polvo de flor usando uma saia de alga marinha.

— Eca. Os lábios dela apertaram, e ela baixou os óculos infravermelhos sobre os olhos. As deslumbrantes cores diurnas do jardim foram imediatamente lavadas à medida que as assinaturas de calor se tornaram aparentes. Lucy localizou a massa vermelha gigante e brilhante. — Lá!

Ela deu outro passo para trás. A criatura era muito maior do que ela imaginara.

As pernas se estendiam em grossos tentáculos da massa principal muito mais para trás e afunilavam até pontos no final, alguns dos quais estavam a menos de uma dúzia de metros dela onde a piscina começava.

Lucy levantou os óculos e olhou para as águas semi-límpidas, mas não conseguiu vê-los. *Humm*. Isso não era

bom. Eles se misturavam perfeitamente com as águas marrom-azuladas ou esse animal tinha camuflagem incrível.

Não havia sinal do androide em lugar algum.

Ela largou os óculos e enfiou fones de ouvido com cancelamento de ruído nos ouvidos.

— Entregue-me a bazuca Star Blaster, ela murmurou, movendo seus elegantes óculos infravermelhos para cima e para baixo, de novo e de novo onde as assinaturas de calor deslizavam mais perto dela.

Esta não seria a primeira vez que ela usava um Star Blaster, nem a segunda. Uma vez fora convidada para uma festa de despedida de solteira da filha do dono da maior rede de hotéis resort interplanetários, e cada festeiro recebera um para atirar em comemoração. Lucy sorriu. Na segunda vez, ela teve um em mãos enquanto estava de férias em Elyria.

—Aqui está, senhora, disse um de seus androides através do fone de ouvido enquanto o outro desdobrava uma lona aos pés e cuidadosamente colocava uma fileira de mísseis.

— Você gostaria que nós fizéssemos backup?

Ela pegou o Star Blaster de seu lacaio. “Não. Estou tentando matá-lo, não irreparavelmente destruir minha propriedade. — Usando o máximo de força que conseguia reunir com seu físico terrivelmente médio, ela levantou a arma carregada sobre o ombro, onde se sentava pesadamente, e espiou o comprimento. Ela afastou os pés.

As palmas das mãos estavam cobertas de suor.

Mamãe ficaria muito decepcionada ou muito orgulhosa.

Seus óculos estavam sincronizados com o Star Blaster e sua visão se transformou para incluir a mira e um escopo; ela silenciosamente apontou para a maior massa brilhante de calor que pôde encontrar.

Ela lambeu os lábios. — Se isso não funcionar, ela murmurou por cima do ombro, — Certifique-se de sair dessa vivo. — Sem mais demoras, ela lançou o míssil e foi empurrada de volta às mãos de aço de seu lacaio.

O Blaster foi tirado dela no momento em que um rugido horrível encheu seus ouvidos. A água atingiu seu rosto, trazendo-a de volta ao presente, e ela arrancou os óculos.

—Oh meu! Recarregar! Recarregar! ela gritou quando uma parede de tentáculos sujos e viscosos se ergueu para bloquear o céu e seus muitos sóis durante o dia.

Seu comando foi ignorado quando ela foi arrastada à força de volta para sua casa, mas ela ouviu vários foguetes sendo lançados. A fundação tremeu.

Três horas depois, a luta finalmente esfriou, e suas reservas de adrenalina estavam praticamente esgotadas. Lucy assistiu toda a bagunça através de escudos explosivos no andar principal. *O que eu vou fazer?*

Pedir a propriedade perderia sua credibilidade como proprietária. Ela teve a sensação de que a casa foi *destruída* por seu retorno. Larkswest tinha bombas em seu arsenal, mas - apesar de gostar de big bang - Lucy não queria destruir completamente sua piscina.

Quem poderia me ajudar a matar um monstro?

Se ao menos houvesse coisas como caçadores de monstros...

Ela ligou o pulso e suspirou, digitou: *serviços interestelares de exterminadores* e esperou o melhor.

Três

Mia ergueu os olhos quando a porta do escritório se abriu e um homem entrou. Ele pegou uma pasta digital da holoscreen da caixa de entrada em sua mesa.

— Moss! Você não pode simplesmente entrar aqui e começar a vasculhar minhas coisas! ela disse, já que ele estava no meio do arquivo, lendo em ritmo desumano. Ele se sentou na cadeira em frente à mesa dela, os olhos nunca a deixando.

— Marque-me para esta. Eu vi tudo o que preciso ver. Algum tipo de monstro da água?

— Você está realmente passando suas férias fazendo isso? Você acabou de voltar para a Terra.

Moss recostou-se na cadeira, entrelaçando os dedos atrás do pescoço. — Você viu o pagamento?

Mia puxou a cópia digital em seu holodisplay.

— Você invadiu meus servidores de novo? Não fazemos favores pessoais, você sabe disso, argumentou Mia. Ela era a responsável pelo EPED e, como todos os Monster Hunters - ou Retrievers - na Divisão de Exploração Planetária da Terra, ela distribuía os empregos. Ela também era a representante de recursos humanos e a coisa mais próxima de um gerente que algum deles tinha - pelo máximo que alguém *pudesse* gerenciá-los.

— Mas você olhou para o número? Ele estava olhando para isso agora.

Ela olhou para a tela e seus olhos se arregalaram involuntariamente. Ela nunca tinha visto uma quantidade mais estonteante de zeros.

— Uau... Um momento se passou antes que ela recuperasse o pensamento. — Eu nunca vi essa quantia de salário de um trabalho pessoal. Ela poderia comprar autorização completa para deixar a Terra com essa quantia de dinheiro. Poderia ignorar tanta documentação. Ela aceitou o emprego no EPED para ter uma melhor alavancagem para obter a realocação, mas as leis continuavam mudando a cada seis meses. Mia ficou séria. *Não é de se admirar por que Moss quer isso ...*

— Mas já lhe ocorreu que você não precisa de mais dinheiro? ela perguntou, ligeiramente desconcertada.

— Não. Isso não me ocorreu. Veja como continua me ocorrendo enquanto eu preparo minha nave para o lançamento. — Ele sorriu brilhantemente para ela.

—Moss, eu ainda não examinei esse arquivo ainda. Chegou da noite para o dia.

— Urso não se importa, querida. Urso não se importa. Ele se levantou do assento.

Eu estou perdendo ele. Mia se levantou. *Acabei de conseguir este emprego. Ainda não posso estragar tudo.* — Você se importa. Só porque...

— Mia. Ele se virou para encará-la e a detonou com seu sorriso mais charmoso e teimoso. *Burro arrogante e dor tardígrada eterna do meu lado.* Mas ela não pôde deixar de sorrir de volta.

— Você sabe que este é perfeito para mim, continuou ele.

— Esse número é perfeito para mim. E isso me fará feliz... Você não quer me fazer feliz?

— Não se atreva a me dar olhos de cachorrinho, Cyborg! alertou Mia.

— Eles são reservados para você, e somente você.

Ela cedeu e olhou para o teto de seu escritório.

— Eu não posso ganhar com você.

— Você é a melhor. Ele voltou para a porta.

— Não se esqueça disso, ela chamou atrás dele.

—Terminarei de processar a solicitação hoje. É melhor você me trazer de volta uma boa lembrança. Eu quero um iate!

Quatro

Moss esperou a liberação para pousar. Sua nave pairava na estratosfera acima de Larkswest Estate. Era o mais próximo que ele podia chegar antes que as medidas de segurança da Loxuria fossem desencadeadas, e se ele sabia alguma coisa sobre os extremamente ricos, era para nunca subestimar a devoção em proteger o que era deles.

Bem abaixo, havia uma mansão e um bunker de nível militar, com áreas que se estendiam por quilômetros em todas as direções. Ele examinou a paisagem enquanto esperava.

Havia poucos edifícios afastados da estrutura principal, mas havia muitos pontos de verificação de segurança por toda parte. Ele não podia vê-los, mas eles se registraram em sua tela. Quem quer que tenha projetado o local no pós-guerra manteve intacta a integridade do ecossistema alienígena. Era tudo perfeitamente integrado, perfeitamente remoto e totalmente bonito. Eles garantiram que o ecossistema fosse minimamente impactado pela propriedade.

Dentro havia algo completamente diferente. Ele examinou as formas de vida humana e androide.

Um humano. Oitocentos e cinquenta e três robôs em funcionamento. O humano, seu atual pseudo-empregador, estava a caminho. *Indo para onde eu for liberado para pousar.*

— Agora você está autorizado a pousar. Como se quem estivesse do outro lado pudesse ler sua mente. — Prossiga para a zona de pouso C.

Zona de aterrissagem C? É uma casa, não um espaço porto. Moss temperou sua impaciência. O arquivo dele não dizia nada sobre quem o empregava. Se ele estava lidando com um dos próprios Larkswest ou com um funcionário de confiança, ele não fazia ideia, e era contra o procedimento invadir as redes e servidores privados das pessoas.

De qualquer maneira, acontecia o tempo todo, mas com os ricos... Entrar nos sistemas deles era um verdadeiro desafio. Um que pode te matar por tentar.

— Entendido, disse Moss.

Sua nave se posicionou sem ele, descendo o curto espaço até seu destino. Ele ajeitou o uniforme e estalou o pescoço, esticando e estalando as juntas de metal dos nós dos dedos ao mesmo tempo. Moss dirigiu-se para o arsenal e enfiou uma pistola a laser na bainha sob o paletó. Ele parou na porta ao sair, parou por um momento e se afastou para pegar uma faca de aparência maldosa.

Ele sentiu sua nave pousar e, com os infinitos zeros e cifrões projetados no fundo de sua mente, ele reformou seu corpo para o ambiente de Loxuria. Felizmente para ele, era muito parecido com o da Terra, o que o tornava um lugar perfeito para a vida humana e tardigrada. Se as indústrias da Larkswest fossem donas do planeta, ele as elogiaria por seu egoísmo, mas não. De fato, grande parte da terra fora dessa propriedade em particular era selvagem ou arrendada.

O painel se soltou e ele saiu da nave. Centenas de imagens, sons e cheiros o invadiram. Moss parou no meio do caminho.

Uma mulher estava a várias dezenas de metros dele. *Gloriosa.*

Um pano de fundo de folhagem exótica, azuis, verdes e todas as cores azul-petróleo no meio - emoldurava-a enquanto esperava contra a paisagem. Ela se afastou, do patamar de concreto de salto alto e um terno preto sexy, mas de alguma forma a vegetação tentou desesperadamente alcançá-la e consumi-la. Queria tocá-la, envolvê-la em seu ambiente e torná-la parte disso.

Antes que ele percebesse, ele estava bem na frente dela, como se fosse atraídopor alguma força invisível.

— Moss Johann? Herói de guerra Moss? ela perguntou diretamente, olhando para ele sem uma pitada de apreensão. Ela tinha um rosto de duende e um cabelo preto na altura dos ombros. Alta classe e megera erótica personificada.

— E você é? ele perguntou. *O cabelo dela está rosado.*

Seus instintos aumentaram e sua estrutura interna começou a desidratar.

— Lucy Larkswest. A dona desta propriedade. Ela estendeu sua mão. — Estou feliz por você estar aqui.

A mão dela tremia levemente enquanto esperava que ele a pegasse.

Moss cobriu a mão dela com a dele, ávida e gentilmente, mas apertando cada vez mais. Quando ela tentou puxar de volta, ele apenas desistiu de segurar depois de outro momento inadequado.

Ele não queria deixá-la ir. *Ela vai me transformar em porra de cristal.* Um truque que estava adormecido profundamente dentro de sua estrutura.

— Eu não sonharia em estar em outro lugar, disse ele.

O que havia de errado com ele? Moss pigarreou. Havia muito dinheiro em jogo, mas assim que ele se lembrou desse fato, ele rapidamente o ignorou. Ele nunca conheceu uma mulher que ele queria tão rapidamente. *Eu não deveria ter devolvido a mão dela.*

Lucy se afastou dele com um rubor. O cheiro dos ventos e da luz das estrelas enchia-lhe as narinas...e essas coisas nem sequer tinham cheiro.

— É bom ouvir isso. Devo dizer que estou surpresa que você esteja mesmo aqui. Até recentemente, eu não sabia que sua profissão existia. Sou muito grata por isso.

— Herói de guerra Cyborgs que podem cuidar de infestações de monstros? Sim, sua profissão existia. — A maioria chamaria mercenários, mas você foi direto para os profissionais. A Divisão de Exploração Planetária da Terra apenas começou a receber visitas domiciliares.

— Apenas recentemente?

— Você seria a primeira, Lucy Larkswest. Deve haver algo muito especial em você.

Ela sorriu para ele e indicou seu hovercraft. — Deve ser o dinheiro da minha família. Venha, vamos voltar para a mansão onde podemos conversar com mais conforto.

Moss agarrou seu pulso antes de se afastar. — Deixe-me,ir na frente, disse ele, uma necessidade de assumir o controle e

proteger, de repente correndo através dele. Ele a apertou novamente antes de se mover em direção ao banco do passageiro e abrir a porta para ela.

— Eu acho que não, ela sussurrou, batendo os calcanhares para alcançá-lo. — Você é meu convidado, e este é o meu hovercraft.

— Você não confia nas minhas habilidades de condução? ele brincou, apreciando a visão de sua pele muito pálida ficando quente com um rubor cada vez mais profundo. — Eu sou muito bom em dirigir.

— E eu estou no comando, ela bufou, ignorando o cavalheirismo e indo para o lado do motorista.

Ele a ultrapassou e fechou a porta que ela tinha começado a abrir. — Você não pode esperar que eu fique ocioso enquanto assisto um humano dirigir uma máquina quando uma máquina - como eu - pode conduzi-la melhor.

— Como você ousa! Quem você pensa que é? Lucy virou-se para ele e sua garganta contraiu. Havia menos de um pé de espaço entre eles.

— O homem que você contratou.

— Um idiota como todo cara que eu conheci, pelo jeito.

— Eu não sou apenas um cara, Srta. Larkswest. Você não chamou um encanador. — Moss se inclinou sobre ela.

Ela deu um tapa no peito dele e o empurrou. — Seja o que for, eu estou dirigindo. Eu quero que você saiba, discutindo comigo, você não chegará a lugar algum. Diferente da maioria das pessoas, eu não cedo tão facilmente.

— Muito bem. Ele riu e saiu do espaço dela. Ele precisava da distância mais do que ela.

— Espere o que? Bem desse jeito?

Ele encolheu os ombros. — Bem desse jeito.

Lucy bateu a porta quando ela entrou. A virada momentânea quebrou quando a nave disparou no ar a uma velocidade ensurdecedora. Ele casualmente largou a mão para agarrar seu assento.

— Você não pode fazer isso, você sabe, disse ela depois de um minuto.

— Fazer o que?

— Me deixar desconfortável.

—Eu te deixei desconfortável? ele perguntou.

Ela balançou a cabeça; seus cabelos lisos e negros, com mechas rosadas, moviam-se sedutoramente sobre os ombros. O rosa captou a luz, quase brilhando.

— Eu quero que você saiba, esta pode ser a minha primeira vez na presença de um Cyborg, e eu sei que seu tipo deve ser honrado, embora teimoso, mas se você estiver jogando comigo para violar os termos do contrato...

— Deixe-me parar você aqui. Eu não brinco. Cyborgs, em geral, não brincam.

— Isso não foi o que eu quis dizer...

— Vou seguir a letra da lei do nosso contrato. Você precisava de um magnífico garoto da piscina, e está disposta a gastar uma fortuna com um, e é por isso que estou aqui. Admito que não esperava que uma mulher estivesse esperando por mim

quando desembarcasse, e posso não ter acertado a minha resposta, para tal cenário. Por isso, peço desculpas."

— Você faz? Ela olhou para ele.

— Sim.

— Oh... As sobrancelhas dela se franziram e ele não tinha certeza do por que.

A beleza de Larkswest Estate passou por ele, completamente ignorada. Moss esperou que Lucy dissesse mais, mas nenhuma outra palavra veio.

— Não estou acostumado a encontrar uma mulher sozinha. disse ele, sentindo que precisava explicar. — Não é da minha natureza aceitar isso como natural.

— Por que não?

"Durante a guerra, ninguém deveria estar sozinho. Todos os pilotos voaram em equipes, os encouraçados foram flanqueados por mais encouraçados, os soldados foram mantidos em esquadrões. Homens, mulheres, crianças, idosos e até as poucas inteligências sencientes estavam todos alojados em planetas, bases e naves. Naquela época, era altamente examinado se uma única pessoa queria entrar em um navio e simplesmente sair. Aconteceu, apenas não frequentemente, e nunca com mulheres. Toda vida era muito valorizada quando tanta vida se perdia a cada dia. As mulheres são doadoras de vida. Significa algo mais para seres como eu.

— OK. O que isso tem a ver comigo? Tenho certeza que você percebe que este lugar praticamente abriga um exército. Estou longe de estar sozinha. O hovercraft voou para um túnel subterrâneo.

— Estar entre androides não é a mesma coisa, disse ele, quase estalando, mas cambaleando no último segundo. — Não é o mesmo.

— Ah. Bem, hum... A boca dela abriu e fechou. Ele gostou da bolsa em forma de arco dos lábios dela enquanto ela lutava por palavras. — Enquanto eu não me sentir desconfortável novamente, mamãe urso não vai atacar. O hovercraft pousou levemente. — Chegamos.

— Mamãe urso? Moss desviou o olhar dela para observar o ambiente, compilando e examinando todos e quaisquer dados que julgasse necessários.

— A propriedade e meus androides. Eles se recusam a me deixar fazer o que eu quero! — Lucy gritou ao sair da nave, abordando a própria casa e deixando-o para trás.

Ah. Ele sorriu conscientemente e saiu do veículo. Os protocolos de segurança infantil foram programados na inteligência artificial da propriedade. Ele escaneou sua programação de segurança e a confirmou. — Mamãe urso e eu vamos nos dar muito bem, disse ele para si mesmo, enquanto seguia a mulher que estava colocando distância demais entre eles para o seu gosto.

Cinco

—Eu já volto, disse Lucy por cima do ombro, correndo pelo vitral e pelo túnel demármore, subindo as escadas, passando pela entrada e até o banheiro mais próximo. Ela bateu a cabeça em um dos androides e rapidamente o despachou para instalar o Cyborg em um dos quartos com vista para a piscina.

Ele tem nome!

Moss. Moss Johann. Que tipo de nome era esse? Obviamente não era do tipo que vagava pelos mesmos círculos que ela. Todos os cavalheiros que ela conhecia exibiam nomes como Valentino, Alexander ou, se seus pais eram selvagens, Derek. Havia muitos Dereks em seu mundo. Ela já havia cortado todos os Chads. Lucy colocou a língua para fora.

Mas Moss? Ela queria conhecer os pais que decidiram sobre isso.

A porta do banheiro trancou-se automaticamente atrás dela e ela inalou profundamente, pressionando as mãos no peito.

Ela vibrava.

Ela não tinha sentido tanto desde que olhou pela primeira vez para Scott Leve, o vocalista principal da sua banda favorita. Seus pais o contrataram para fazer serenata todos os dias durante uma semana até o seu décimo sexto aniversário - um erro bem intencionado da parte deles.

Um primeiro amor terminou em um primeiro ódio.

Pense no monstro alienígena gigante na sua piscina, não nos olhos de Moss.

Olhos brancos como a neve, emoldurados por cílios grossos com sobrancelhas arqueadas da mesma cor e cabelos curtos combinando. Terrivelmente bonito, mas inconfundivelmente masculino. Com seu cabelo incomum e colorido, rosto barbeado e pele igualmente perfeita, Moss pareceu como tudo menos musgo, vestido do pescoço para baixo, em um uniforme preto de campo.

Lucy sentiu que ele escondia armas fora de vista, usando seu olhar duro para distrair todos do óbvio - que ele era perigoso. Perigoso e muito maior de perto.

Quando ela o afastou, ele apenas saiu da propriedade, não porque ela realmente tinha forças para mover qualquer parte de um homem como ele.

Definitivamente, ele não era o que ela esperava quando contratou um exterminador.

Meu dinheiro me comprou o melhor caçador de monstros que existe.

Empurrando os ombros, Lucy reaplicou uma espessa camada de corretivo para esconder as bochechas brilhantes e lambeu os lábios. Seus olhos caíram para o disco de maquiagem em seu balcão. *Se ao menos eu tivesse o suficiente para esconder tudo*. Mas ela ligou a água e esfregou o rosto, lembrando que Moss não era um parente, nem sócio comercial. Ela precisava lidar com ele em um nível mais pessoal.

O som de seus calcanhares batendo no chão brigou com seu estômago enjoado quando ela saiu do banheiro para procurá-lo. Ela o encontrou na varanda brincando com os foguetes restantes.

— Peço desculpas pela minha partida abrupta, disse Lucy, feliz por sua voz permanecer firme. O Cyborg girou para encará-la quando ela se aproximou. — Eu tive que cuidar de um assunto urgente.

Os olhos dele brilharam. — Eu sei tudo sobre assuntos urgentes.

— Eu aposto que você sabe. Lucy cruzou os braços. — Você deve ser um caçador de monstros e tanto. — Parecia tão legal dizer isso em voz alta. Inúmeras perguntas dançaram na ponta da língua e ela as engoliu de volta.

— Oficialmente, somos Retrievers'mas eu sou um extremófilo. E para quem não sabe o que isso significa, é um microorganismo, especialmente um arcaico, que vive em condições de temperatura extrema, acidez, alcalinidade ou concentração química. É melhor ter cuidado Lucy Larkswest. Milhões de dólares vai nos trazer esquisitos. Ele piscou o olho e inclinou-se para baixo para apanhar um míssil descartado.

Ela fez uma pausa, digerindo as palavras dele. A confusão não estava em sua natureza, mas a estranheza certamente tinha um jeito de encontrá-la. Gostava de persegui-la, derrubá-la no chão e arrastá-la chutando e gritando por todos os aspectos de sua vida.

Se você está tentando me dizer que é estranho, você sabe... — Lucy apertou os lábios, que uma vez eu gastei mais dinheiro em strippers masculinos no chá de bebê da minha amiga. Na época, eu esqueci que era um chá de bebê e fiz uma despedida de solteira para ela por engano. Essa festa entrará na história como o melhor chá de bebê que já ocorreu em toda a historia.

Ele apontou a ponta de um míssil para ela e sorriu. — Eu tiraria a roupa para você de graça.

— Acho que não, Moss Johann, não quero ver o que um microorganismo autoproclamado tem em suas roupas.

— Você me pegou lá. Ele riu e ela não pôde deixar de sorrir de volta. — Você acreditaria em mim se eu dissesse que tenho mais de quarenta garras que são maiores que o pênis de um homem normal?

O olhar dela disparou para as mãos dele. *E meu cabelo é naturalmente rosa*, pensou Lucy.

— Ceeeerto.

O sorriso dela aumentou.

— Pelo menos meus atributos vão além da minha aparência, ela brincou.

Moss apontou o míssil para seu coração.

—Você está quebrando minha cavidade corporal.

Lucy deu um passo mais perto dele, achando as brincadeiras refrescantes e acalmando-a. O Cyborg não era tão intimidador quanto ela pensava. Pouquíssimas pessoas falavam com ela como ele, e ela ia saborear cada segundo de conversa informal que pudesse.

Mas quanto mais perto ela chegava, mais ela precisava esticar o pescoço para encontrar os olhos dele. Seu coração começou a vibrar de novo. — Esse míssil fará mais do que abrir seu peito, Sr. Johann.

—Moss, ele corrigiu.

— Moss. Sua boca ficou com água. — Esse míssil não pode matar o monstro que reside no outro extremo da piscina.

Ele se virou para encará-la completamente, a brincadeira desapareceu de sua expressão.

— Foi você ou seus androides que tentaram matá-lo com isso?

Lucy se inclinou para trás. *Ele está bravo?* — Ambos tentamos. De repente, ela se arrependeu de se aproximar dele.

Seu rosto ficou mais escuro. — Nunca mais faça algo tão estúpido. Você poderia ter sido morta horrivelmente, e eu sei que você não tem ideia do que está enfrentando. Eu li seu pedido de ajuda quase cem vezes.

— Não sou nem um pouco idiota, e que tipo de pessoa fala assim com a pessoa que o está pagando? Você nem me conhece. *Sou muito mais do que as pessoas escrevem sobre mim*. Indignação a abasteceu.

— Eu tive um treinamento extensivo em autoproteção e sei como usar mais armas do que um soldado médio pode nomear. E mesmo que não tivesse, tenho a melhor tecnologia do mercado para me ensinar como.

— Então por que sua praga não está morta, Srta. Larkswest?

— Porque eu não queria destruir o único lugar no universo que só tem boas lembranças! Lucy se afastou dele e se inclinou no parapeito, olhando para o jardim. — Nadei todos os dias, todas as noites nesta piscina quando criança. Eu gostaria de nadar de novo.

Ele tocou levemente o braço dela. — Não vale a pena se machucar por isso.

— Não, ela concordou. — Mas não posso deixar de tentar. Ela suportaria ser castigada por ele se isso significasse restaurar seu paraíso. Ela não gostou, mas *suportar* resumiu toda a sua vida.

Os dedos dele rodearam seu pulso, retirando-a de seu passado. Moss levantou a mão e beijou as costas dela suavemente. O zumbido em seu peito retornou.

— Juro que amanhã à noite você poderá nadar em segurança em sua casa novamente, ele sussurrou em sua pele.

Seus lábios se separaram quando seus olhos se encontraram sobre sua mão.

Oh não.

Seis

Na manhã seguinte, Lucy encontrou Moss parado exatamente no mesmo lugar da noite anterior. O sol do amanhecer brilhava em seus cabelos curtos de cortemilitar. Ela o encarou de um quarto distante e se esforçou para ficar o mais quieta possível, para não perturbar o que ele estava fazendo.

Coisas de Cyborg.

Cyborgs fazendo coisas de Cyborg, sendo todo Cyborgy.

— Eu sei que você está ai, perseguidora, disse ele, sua voz baixa e profunda.

Ela saiu das sombras quando ele se juntou a ela dentro.

— Obrigado.

— Pelo quê? Ele olhou para ela interrogativamente.

— Comparando minhas habilidades furtivas com um perseguidor. Eu não sou conhecida por minhas habilidades furtivas. Lucy se juntou a ele em frente ao mirante. Na verdade, ela não era conhecida por nada, pelo menos nada que realmente importasse para ela. Nascida e criada como herdeira, ela morreria da mesma maneira, de acordo com as massas. Poucas herdeiras entraram nos livros de história.

— Se eu não fosse construído do jeito que sou. Talvez eu nem soubesse que você estava lá.

Lucy riu. — Você está me bajulando.

Ele se curvou com floreio exagerado diante dela, arremessando seu braço vestido com armadura. — Se eu não fosse construído do jeito que sou, talvez não soubesse exatamente

o segundo em que você abriu os olhos hoje de manhã, rolou na cama, gritou com a inteligência artificial da sua propriedade e começou a beber duas xícaras de café fresco.

— Uau. OK. Agora, quem é o perseguidor? Mas seu pulso já estava acelerado, e um rubor se espalhava do peito para as bochechas. Horror e excitação rodaram em seu intestino e a deixaram se sentindo estranhamente satisfeita. Café e gritos não a ocuparam a manhã inteira. Ela se perguntou o que mais ele tinha ouvido.

Lucy franziu a testa. *Eu gosto da atenção dele.*

Eu quero mais disso.

Oh não.

Moss trabalhava para ela. Isso significava que ele estava fora dos limites. Ele nem era humano, pelo menos não totalmente, o que a fez formigar uma ideia pouco perversa em sua mente. Lucy esfregou o lábio inferior e o observou por baixo dos cílios.

Ele estava sorrindo para ela.

— Estou apenas fazendo meu trabalho, Srta. Larkswest. Não posso realmente chamar essa missão de sucesso se minha empregadora não sair viva dela.

Suas palavras ardiam apesar da luz provocadora em seu tom. Ela não gostou disso, nem um pouco. *Eu não quero ser apenas um emprego.* — Se você diz, ela brincou de volta.

Ele abruptamente deu um passo em sua direção e estendeu a mão. Seus longos dedos se abriram como se esperassem ser aceitos.

— Viva, saudável e muito feliz com um trabalho bem feito. Pegue minha mão.

— Por quê? ela perguntou enquanto aceitava desconfiada. Os dedos dela se curvaram ao redor dos dele, muito maiores, e o calor que eles emitiam a percorreu. Sua mão torceu até ele entrelaçar os dedos, prendendo-os.

Ela puxou gentilmente, e seu domínio nela apertou. Seu intestino cerrou.

Ele a puxou para perto. — Se eu não tivesse sido construído como sou, ele respirou diretamente em seu ouvido, —eu não saberia que você se mexeu e virou por horas na noite passada, que não conseguiu dormir até depois da meia-noite, que você chutou seus cobertores da cama no meio do caminho.

Ela engoliu duas vezes antes de lembrar o que eram palavras. — Há um monstro no meu quintal. Não era o que ela queria dizer, mas foi o que saiu. Ela engoliu em seco novamente.

Moss se afastou dela, seu sorriso diminuindo. — Sim existe. Está na hora de me livrar disso.

— Sim…

Ele soltou a mão dela e se virou.

Lucy ficou entorpecida, observando-o sair da sala e na direção da varanda. *Se ele se virar...*

Se ele olhar para mim, ele saberá...

Moss Johann saberia que ele não deixou nada além de uma poça de nervos femininos onde uma mulher de carne e osso estava.

Sete

Moss colocou as mãos nos quadris e olhou para a piscina. Ele podia ver a criatura em toda a sua glória monstruosa sem a ajuda de óculos infravermelhos. Embora um par masculino lhe tivesse sido fornecido por Lucy.

De fato, ela ofereceu o uso de qualquer coisa que ele pudesse precisar armazenado no arsenal da propriedade.

Que, depois de revisá-lo mais cedo naquela manhã, tinha tudo o que um Cyborg como ele jamais precisaria para defender a totalidade da Loxuria contra invasores externos. Havia até um robô de batalha suicida em estase. O tipo de tecnologia militar que nunca deveria estar nas mãos de um cidadão comum.

A cada segundo que passava, ele gostava mais de Lucy Larkswest e de sua família.

Mas nada disso importava. Ele não precisava de nada além da força de seu corpo e das artimanhas que cultivara de anos de missões secretas durante a guerra.

Lucy iria vê-lo em toda a sua glória bestial em breve, e quando isso acontecesse, ela talvez nunca mais pudesse olhá-lo sem ficar enjoada.

Ou insanamente curiosa.

Moss tirou a jaqueta EPED e dobrou-a sobre uma cadeira próxima. *Ela está me observando.* Ele sorriu e começou a lentamente - muito lentamente - tirar as botas, a camisa, as calças, até que nada mais vestisse seu corpo, exceto seu biosuit de

nanotecnologia. O traje não deixou nada para a imaginação, incluindo o que ele estava guardando entre as pernas.

Ele ouviu os passos instáveis de Lucy vindo atrás dele muito antes de ela aparecer. Ela parecia demorar para se aproximar dele.

A porta de vidro se abriu e fechou e ele se virou para encará-la. — Você deveria permanecer dentro. Não é seguro aqui fora. Há mais de um monstro que adoraria provar sua carne.

— Há dois deles agora? ela perguntou, sua voz subindo.

Moss riu. — Como eu disse, não é seguro.

Seus lindos olhos castanhos dispararam sobre ele e o terreno descontroladamente.

— Você vai ficar bem? Talvez não seja uma boa ideia. Eu não quero que você se machuque. Eu já vi o que essa coisa fez com meus androides. Não resta mais nada além de partes. Você nem tirou nada do arsenal e posso ver claramente que você não tem espaço para esconder uma bateria de artilharia dentro desse traje.

— Preocupada comigo agora? Ele gostou disso.

— Eu tenho me preocupado desde o começo! Você acabou de tirar toda a sua armadura e agora tudo isso parece loucura. Talvez devêssemos tentar as bazucas novamente. Lucy se virou e se afastou dele. — Talvez agora que você esteja aqui, a casa me permita ligar o avião de combate e podemos derrubá-lo de cima. Existem outras maneiras - menos pessoais, de perto e, uh, maneiras pessoais.

Moss correu adiante e se colocou na frente dela. Ela parou abruptamente, quase colidindo com ele.

— Lucy, está tudo bem. Eu lidei com muito pior que isso.

— Pior do que nadar em uma piscina alienígena com um monstro que quer te comer? Isso é dez vezes o seu tamanho? Você está praticamente nu.!

— Pior do que voar pelo espaço aberto sem um traje espacial. Ele a agarrou pelos ombros, nivelandoo olhar com ela. — Minha espécie sobreviveu a muitas batalhas e sobreviverá a muito mais.

O rosto dela se contraiu, as sobrancelhas franzindo e tudo. Ele queria se inclinar e suavizar a pele dela com beijos.

— Cyborgs?

Moss encolheu os ombros. — Claro, eles poderiam sobreviver a um apocalipse, mas alguém como eu, bem... Eu sou incrível. Grau A incrível. Sou bom em até seis apocalipses ao mesmo tempo. — Ele soltou seus ombros com um aperto.

Lucy continuou a olhá-lo cansada, sua preocupação diminuindo quando seu olhar deixou seu rosto para examinar o resto de seu corpo. Ele não precisava de tecnologia para saber que ela era afetada por isso. Ele estendeu a mão e puxou uma mecha de seu cabelo rosa e preto. — Deixe-me ser o garoto da piscina multimilionária que você contratou.

Os lábios dela se ergueram em um pequeno sorriso. Ele sabia que tinha vencido.

— Se você tem certeza... Ela deu um passo atrás.

Era mais difícil para ele deixá-la recuar do que fazer o que vinha a seguir. Ele queria desesperadamente beija-la.

— Eu tenho mais que certeza.

Lucy se virou quando suas costas bateram na porta de vidro. — No segundo em que eu achar que a certeza se foi, Sr. Johann, estarei empunhando aqueles Star Blasters como uma mulher louca. Não subestime meus instintos de proteção. — Ela estava do outro lado da porta e mexia no outro lado antes que ele pudesse responder.

Ele voltou ao problema em questão, incapaz de esconder o sorriso largo no rosto.

— Se você precisar jogar alguns mísseis na piscina, tente garantir que eles detonem na água. Gosto de um bom banho de espuma.

Oito

Ele entrou na água, sentindo mais de um par de olhos observando todos os seus movimentos.

Moss flexionou os músculos, estralou o pescoço para o show. Sua escolha de arma foi o corpo e a única lâmina de trinta centímetros presa à coxa. Era mais do que ele precisaria nessa luta, mas ele não podia enfrentar a fera sem uma arma.

Não quando seu empregador se importava tanto com seu bem-estar.

Lucy se importava muito com alguém como ele.

Ele desconsiderou o pensamento. Ele não estava ficando aqui mais do que o necessário. E ele não era de manter segredos apenas para conseguir o que queria.

Moss seguiu a beira da piscina até que a água se aprofundou em sua cintura. Além disso, a apenas um metro de distância estava o começo do ninho do monstro, onde as repugnantes videiras verdes e marrons lentamente se expandiam para fora de seu local de origem, em algum lugar profundo no meio. Onde o corpo da besta espreitava à espera.

Seus tentáculos já deslizavam através da água em sua direção.

Ele olhou para trás e encontrou o olhar de Lucy atrás da blindagem da casa dela. Ele lhe lançou um sorriso tranquilizador. Ela bateu o pé em óbvia frustração e Moss reprimiu sua risada. Tudo nela o fez querer incitar ainda mais

essa reação, ver até onde ele poderia empurrá-la, ver aquela faísca de fogo brilhando em seus olhos.

Algo roçou sua perna e ele voltou à tarefa em questão.

Está me provando. A coisa da vinha estava camuflada contra os olhos humanos, mas sua assinatura de calor não. Em sua visão periférica, ele contou mais uma dúzia de antenas em seu caminho.

Moss desembainhou a faca e esfaqueou direto o que estava subindo pela perna.

Ele se afastou, desaparecendo nas profundezas mais sombrias e deixando para trás uma bagunça verde de fluidos. Ele sacudiu a lâmina e esperou.

Os outros tentáculos pararam, prontos para atacar, misturando-se ainda mais nas águas turvas. Ambos esperando Um impasse.

Moss suspirou, sabendo que ele teria que fazer mais para atrair a massa central.

Ele colocou sua lâmina na beira e se afastou, indo para o centro da piscina onde o último androide havia sido rasgado em pedaços.

Cada uma das antenas girou para seguir sua direção. *Coisa assustadora da porra.*

Uma noite assistindo a sua presa lhe rendeu duas informações importantes: uma sendo altamente territorial e, em segundo lugar, sua inteligência só chegou a proteger seu espaço. Ele enfrentou criaturas que entendiam o conceito de tempo, de memória, criaturas que podiam *planejar*, mas essa coisa não evoluiu o suficiente para nada disso.

Isso significava que a única armadilha em que ele estava entrando era a que ele conhecia - grande monstro, pequeno buraco.

Eu também sou uma coisa assustadora. Mas apenas um deles pode ser considerado fofo.

Ele parou logo antes de onde o androide desapareceu abaixo, as imagens - baixadas pelos feeds da casa - repetidas mais uma vez em sua cabeça. Seu pé atingiu um aglomerado de peças de metal quebradas.

As antenas caíram silenciosamente em sua direção, fazendo uma meia-lua se arquear em torno de seu corpo. Moss inalou e entrou no território do monstro.

E foi imediatamente arrastado para a água. Seu corpo esticado e tenso da cabeça aos pés, enquanto a criatura tentava com todas as suas forças rasgá-lo membro a membro. Seu nanosuit mudou, expandindo-se para combatê-lo.

Ele foi arrastado pela água, e ouviu Lucy gritar assassinato sangrento. Enquanto seu traje lutava contra o estrangulamento cada vez mais espesso, ele entrou nos sistemas de interfone da casa.

— Lucy, eu juro pela sua quantidade infinita de riqueza, leve sua bela bunda de volta para dentro! Para sua sorte, isso a impediu de tentar ajudá-lo. Ela seria pulverizada mais rápido do que ele poderia salvá-la se ela chegasse perto o suficiente. O horror desse pensamento inundou seus caminhos.

Ele sentiu a força esmagadora de seu inimigo, sentiu seu desejo predatório de destruir tudo sobre ele por invadir seu

espaço. A raiva de uma mãe. Moss rangeu os dentes quando seu nanossuit ficou preso no fundo da piscina.

Mais um segundo.

Apenas mais um.

Não havia mais luz. Os tentáculos do monstro envolveram completamente sua cabeça, obscurecendo sua visão.

Agora!

Moss se transformou na criatura que ele realmente era. Um bastardo incrível que foi construído para suportar *tudo*.

Seus membros foram os primeiros, encolhendo-se em seu corpo e, ao mesmo tempoengrossando, o excesso de placas de metal unindo sua crescente massa média até que ele tivesse oito braços e pernas. Seu nanosuit mudou com ele, permitindo que seu corpo crescesse... E crescesse... E expandisse, até que sua cabeça desapareceu em uma massa de metal ainda mais, protegendo seu corpo profundamente.

Ele rasgou os tentáculos da besta enquanto continuava a mudar para uma forma que era totalmente e completamente indestrutível. Sensores pequenos e grandes caíam ao seu redor como um peso morto, separado da pressão, para criar uma pilha de carnificina na piscina.

Moss estendeu as garras e rasgou o resto dos tentáculos, assim como um rugido encheu seus ouvidos. Os alicerces do terreno tremeram, a cerâmica remanescente da piscina quebrou como gelo, e ele finalmente ficou completamente livre.

O animal gigante, semelhante a uma flor, levantou-se das profundezas à sua frente, arrastando-o através da folhagem densa da vida selvagem alienígena para enfrentar ele. Suas

pétalas azul-esverdeadas e claras - perfeitamente combinadas com a paisagem ao seu redor - expandidas e estaladas como as mandíbulas de um animal. O veneno preencheu o espaço em todos os lados, penetrando no que restava do azul e enchendo a água marrom e lamacenta para paralisá-lo.

— Você vai precisar de mais do que isso para me vencer. Moss provocou através de sua boca gigante de metal, puxando os lábios grandes para mostrar os dentes pontudos. — Eu sou invencível, filho da puta!

A flor se levantou, suas pétalas se acentuaram antes de bater sobre toda a sua forma tardígrada para engoli-lo inteiro. A última coisa que ouviu foi a explosão de um míssil sendo disparado.

Para sua sorte, ele estava faminto por vísceras de plantas.

***

☆☆☆

Oh meu senhor. oh não. Que diabos? Oh Deus.

Sua respiração saiu rápida e superficial enquanto seus dedos praticamente arranhavam as janelas reforçadas. Ela teve muitos ataques de pânico no passado, mas nunca havia hiperventilado antes.

Seus olhos se arregalaram quando o monstro se levantou do fundo da lagoa para se erguer sobre Moss. Moss, que não parecia mais um homem, era uma enorme criatura de metal bulbosa, possuindo vários braços curtos com garras compridas saindo de

cada lado do corpo. Lucy não sabia o que ele era, mas sabia que era ele.

Eu tenho que ajudá-lo.

Ela correu para abrir a porta, mas a encontrou trancada.

— Abra! ela gritou com a casa.

— Sua segurança vem em primeiro lugar, senhora.

— Eu não ligo. Ele está prestes a ser comido! Abra, ela exigiu mais alto. — Essa é uma ordem direta.

— Seus pais não querem que a nossa segurança seja comprometida, senhora. A casa estava apadrinhando-a sem saber que estava fazendo isso. Ela sentiu as bochechas corarem.

— Meus pais estão mortos. Passarei o resto da minha vida descobrindo uma maneira de substituir sua bunda se você não abrir esta porta! Você sabe que sim, ela ameaçou, observando as pétalas gigantes de flores que rugiam dispararem em pontas, todas apontadas para Moss. Lucy se encolheu, incapaz de vê-lo morrer, apesar da criatura que ele se tornara no meio da luta. Ela girou a maçaneta novamente e a porta cedeu, abrindo-se.

— Casa maldita, ela fervia enquanto subia para o lançador de foguetes. Com a ajuda de vários androides, ela teve a arma armada e carregada em segundos. A flor bateu com a cabeça sobre Moss enquanto ela mirava e disparava.

— Por favor, por favor, por favor. Ela não estava esperando um tiro da morte, apenas uma distração.

A cabeça recuou, mas Moss se foi.

— Não! Lucy largou a arma grande com um grito. — Moss!

Moss não voltou. O monstro agitava-se, espalhando gosma verde por todos os lados. Ela agarrou o corrimão e caiu de joelhos, com lágrimas nos cílios.

Lucy apertou os dedos sobre o mármore e se levantou de novo, segurando o choro. A flor subiu com ela como se a estivesse observando de longe. Os olhos dela se estreitaram com ameaça. — Você acabou de comer um tesouro galáctico, seu pedaço imundo de espuma de lago. Você vai se arrepender no dia em que foi morar na minha piscina!

Um *estalo* agudo encheu seus ouvidos. Ela girou, procurando a fonte, que continuava ficando mais alta a cada segundo que passava. Quando ela olhou de volta para o monstro, ele vibrou rapidamente de um lado para o outro, suas pétalas se afiando e caindo simultaneamente.

Lucy apoiou-se no corrimão, com o estômago na garganta.

O tempo parou enquanto o estalo continuava, e a cada som crescente que se seguia, a fera tremia mais. Uma pétala caiu e depois outra e outra. Os tentáculos restantes puxaram em direção ao seu corpo para enrolar ao redor da haste da criatura, rasgando o que só poderia ser seu pescoço.

— Por favor, ela sussurrou, inclinando-se sobre a borda ligeiramente, esperançosa.

De repente, o pescoço rasgou em dois e uma cascata de entranhas explodiu para fora. A mão de Lucy disparou para a boca e ela engasgou quando um cheiro terrível e azedo soprou pelo chão e encheu suas narinas. Ela conseguiu segurar o conteúdo do estômago.

— Lucy, eu disse para você ficar dentro.

Ela se encolheu com a voz familiar e virou o olhar para encontrar Moss, pingando, caminhando em sua direção através da bagunça de seu oásis em ruínas. Ele era a coisa mais linda que ela já vira.

— Você está vivo! Oh meu Deus, você está vivo. Ela tropeçou na longa escada ornamentada e esculpida em direção a ele.

— Não, disse ele, levantando a mão para detê-la. Os olhos dele brilhavam de raiva. — Não é seguro.

Ela puxou o pé para trás e se esforçou para esperar por ele. Quando ele se afastou, ela se jogou nos braços dele. Ele a pegou em um abraço apertado.

— Eu não gostei disso. Não gostei do que aconteceu. Como você pôde fazer isso comigo? Eu estava tão preocupada. — Água e outros enfeites enchiam suas roupas, mas ela não se importava. Tudo o que ela se importava eram os braços fortes dele ao redor dela. — Como você pode ser tão imprudente?

Ele bateu levemente nas costas dela, brincando com as pontas dos cabelos. — Não há nada de imprudente em mim. Eu sabia exatamente o que estava enfrentando. E você deveria ter ficado lá dentro!

— Dentro de onde? Minha propriedade? — ela fungou, esfregando o rosto contra o nanosuit, sentindo o peito ridiculamente afiado contra sua bochecha. — Tecnicamente eu nunca deixei. Ainda estou dentro dela agora.

— Você sabe o que eu quero dizer, ele resmungou acima dela.

— Está morto? Se foi? Para sempre?

— Quase…

Ela se afastou. — Quase?

— Me siga.

— Por quê? ela perguntou.

— Eu tenho algo para te mostrar.

Moss a levou de volta ao redor da piscina, parando brevemente para pegar sua faca. Ele segurou a mão dela firmemente na outra, abrindo caminho para eles através da paisagem alienígena.

Lucy fechou os olhos e fingiu que não estavam mais na propriedade, que ela e Moss se conheceram centenas de anos atrás quando Loxuria foi descoberta pela primeira vez e eles exploraram o éden tropical sozinhos. Uma cachoeira cintilante estaria logo além das árvores.

Ele apertou os dedos dela gentilmente, perturbando sua fantasia. Ela acelerou o passo.

Pedaços de cartilagem estavam espalhados, mas não restava nada vivo do monstro que pudesse machucá-los. Embora algumas das antenas rebeldes agarravam-se inquietas de vez em quando.

Em pouco tempo, as árvores cobertas de folhas e as flores gigantes do terreno impediram a visão da casa.

Ele os deteve em uma cova rasa e lamacenta, onde a fundação traseira da piscina havia se erodido. A única coisa que restava do monstro era a impressão que ele deixara para trás, onde suas pétalas o protegiam de qualquer olhar que pudessem acontecer neles.

Moss se afastou e se ajoelhou. — Veja.

Lucy subiu ao lado dele, usando o braço dele para se equilibrar. O silêncio preencheu o espaço entre eles.

Nove

Moss respirou o perfume de Lucy, tentando solidificá-lo firmemente em sua memória. Ele partiria em breve agora que o trabalho foi feito, mas se esforçou por mais motivos para permanecer. Mostrando a ela isso era apenas uma desculpa. Ele poderia ter removido e retirado as flores sem que ela soubesse.

— Teve bebês?

— Brotos, ele confirmou. — A criatura estava aninhando e protegendo seus brotos.

— Eu nunca ouvi falar de uma flor fazendo isso ...

— Há uma primeira vez para tudo. — ele concordou.

Lucy se ajoelhou ao lado dele. —Eu já vi essas flores antes. Elas não deveriam estar aqui, mas eu trouxe uma de qualquer maneira, e meus pais não se importaram. Era apenas uma flor na época. Algo pequeno e bonito, como estes. Eu nunca quis fazer mal a nada.

— E você não causou dano, não onde importa. Ele apertou a mão dela. — Onde você achou isso?

Lucy suspirou profundamente, cansada sob a leitura dele, e olhou por cima do ombro em direção à casa. —Fora dos portões, nas florestas naturais de Loxuria. Ela sorriu levemente para ele, encontrando seus olhos. — Eu era travessa naquela época. Eu só obedecia quando queria também.

— Nós dois sabemos que isso é mentira.

Ela riu e recostou-se. — Muito bem. Pelo menos eu não mudo para uma grande massa de metal com mais braços e pernas do que eu poderia contar.

Moss inclinou a cabeça. — Oito. Você pode usar os dedos se isso ajudar, ele brincou. Ele examinou o rosto dela em busca da descrença ou horror pela omissão do que ele era, mas não encontrou nada além de uma alegria cansada. Ele apertou a mão dela novamente, descobrindo que ele nunca quis deixá-la ir.

— Oh, obrigada. Vou me lembrar disso. Você sempre foi assim?

— Como o quê? Um pedaço quente de bunda tardígrada indestrutível? Sim. Eu sou praticamente impossível de me livrar. Você pode não saber disso, mas posso suportar o impacto de um meteoro, temperaturas congelantes, longos períodos de desidratação e o ataque cardíaco de uma mulher bonita, se colocando em perigo por mim. Cuidado.

— Ah eu vejo. Lucy lutou para libertar a mão da dele, mas ele se recusou a soltá-la. — Então, minha preocupação não foi nada?

— O que posso dizer? Eu gostei de estar preocupada sobre...

Moss encontrou seus olhos de frente, deixando as palavras pesando entre eles. O metal se deslocou por todo o corpo em antecipação, micro-movimentos que ele não tinha intenção de parar. A necessidade de reivindicar Lucy crescia a cada batimento cardíaco, cada vez maior. Ela engoliu em seco e os olhos dele capturaram e registraram todos os movimentos de sua linda e pálida garganta, imaginando que ela engolia algo

completamente diferente. Algo *dele*. Os músculos de Moss se contraíram.

Uma ânsia por mais desgastou seus fios.

Lucy quebrou o olhar dele com um calafrio e visivelmente congelou sob sua leitura. — O que vamos fazer com as flores? Ela foi sutil na mudança de assunto. Moss a deixou ir.

— Vou devolvê-las ao seu habitat natural.

— Posso ir com você? ela perguntou, inclinando-se para acariciar uma das flores com o dedo. Do jeito que ele queria que ela o tocasse.

— Eu não diria não.

Várias horas depois, com dois dos três sóis de Loxuria já tendo se posto, Lucy os levou para fora de Larkswest Estate e foi para a natureza do planeta. Território não incorporado. Ela parou o veículo a vários quilômetros do terreno da propriedade, em uma ravina onde um lago grande e cristalino corria imperturbável. Moss segurava oito flores em vasos no colo.

— Ok, bebês, agora eu sinto muito, realmente, por ter matado sua mãe, mas eu sei que vocês podem sobreviver sem ela. Lucy murmurou continuamente para as plantas, falando na direção de seu pênis. Ele não tinha ideia de como lidar com isso. — Aqui fora, vocês podem crescer grande, forte e tão mal quanto em seus próprios termos!

— Sim, vocês podem, ele murmurou com ela.

— Sim vocês podem! Você pode! Eu fiz, vocês também podem fazer.

Ele abriu um sorriso. — Você gosta de crianças?

— Crianças como eu, normalmente. Eu costumava ser uma embaixadora dos Órfãos Perdidos no Espaço, mas então, durante o nosso 200º aniversário, reservei um cruzeiro para toda a organização doadora e para todos os pais do passado, presente e esperançosos futuros de comparecerem e bem, eu não participei. Percebi que foi um cruzeiro de *prazer*. Estou feliz que as crianças estavam todas longe, muito longe desse fiasco. Eu gosto de crianças.

Moss riu. — Você tem uma vida interessante.

Ela encolheu os ombros e se moveu dramaticamente em seu assento. — Não é tão interessante ou desastrosa quanto na época em que insultei um Cavaleiro alienígena de Xanteaus e recusei sua proposta de casamento, ou quando contratei um garoto da piscina multimilionário para se livrar dessa gigante flor de monstro no meu quintal.

— Você me venceu. Segure seus bebês por um segundo. — Moss gentilmente entregou-lhe as flores e saiu do craft.

— O que você está fazendo?

— Garantindo que meus bebês estejam seguros antes de sair do veículo. Ele piscou e fechou a porta, respirando fundo para acalmar seus sentidos. Seus músculos estavam tensos como o espaço do inferno desde o momento em que ele pousou em Loxuria e ameaçou permanecer assim até que ele partisse. Estar perto de Lucy só estava piorando as coisas.

Moss fechou os olhos e observou a área. Depois de encontrar a vizinhança imediata segura, ele voltou, apenas para descobrir Lucy ainda conversando com as flores.

— Vou visitá-las todas as semanas e garantir que vocês cresçam para serem grandes e lindas flores.

— Não, você não vai, ele avisou, abrindo a porta dela.]— Sobre o meu cadáver, você virá aqui e verificará eles.

— Você não estará aqui para me impedir. E elas precisam de amor para crescer saudável. Olha o que aconteceu quando eu deixei a mãe delas sozinha...

Moss pegou as flores de Lucy e depois a ajudou a sair do veículo, levando-a até a beira da água. Ele colocou os potes no chão e começou a cavar um buraco com as mãos. — E você não tem ideia do que eu sou capaz. Você não vai dar um passo fora de sua vasta propriedade sem a minha permissão.

— Como você ousa! Eu quero que você saiba...

— Não sei nada. Ele apontou um dedo enlameado para ela. — Se você acha que a IA da sua casa é tirânica agora, espere. Eu vou falar com isso. Os ciborgues têm jeito com as máquinas. — A maneira como o rosto dela corou o fez querer tirá-la do chão e beijá-la sem sentido. Ele cavou com mais força.

— Senhor. Johann... Ela começou.

— Moss. Eu sempre serei Moss para você. Lembre-se disso.

— Moss... A indignação de repente deixou sua voz.

—Obrigado.

Ele balançou a cabeça laconicamente, silenciosamente tirando suas frustrações no solo.

Dez

O último dos sóis de Loxuria havia se estabelecido quando eles voltaram para casa. Moss ficou cada vez mais irritado ao longo do dia, como se estar lá, depois de um trabalho bem-feito, o irritasse.

Lucy balançou os dedos, desejando que ele fosse embora e os expulsasse da miséria, ou melhor ainda, que ele ficasse só mais um pouco e conversasse com ela. Ela pegaria o que podia.

Ela deixou o lavabo pela centésima vez desde que ele entrou na vida dela e o procurou. Não demorou muito para que ela o encontrasse olhando do lado de fora das janelas dentro de seu salão. Lucy fortaleceu os nervos e se juntou a ele.

Lá fora, sua casa estava reparando todo o dano que havia sido causado pela criatura. Em tempo recorde também.

— Você tem uma tecnologia incrível aqui, disse ele depois de um momento.

Ela lambeu os lábios. — Alguns dos melhores do universo.

— É muito impressionante. Tudo o que falta agora é um Cyborg da era da guerra.

Lucy olhou para ele, com o coração acelerado. — Isso pode ser difícil. Ouvi dizer que são difíceis de manter. Ela sorriu.

— Disseram-me para começar com algo fácil, como um golden retriever, antes de tentar um pastor alemão.

Moss riu e virou-se para ela, fazendo seu coração pular uma batida e enviando borboletas por todo o corpo. Suas íris brancas brilhantes a cativaram. Elas eram tão incomuns quanto a queda

de neve nos trópicos e lembraram-lhe como ele era incrivelmente estranho.

Eu quero ele.

Ela não conseguia se lembrar de uma vez que queria algo tanto quanto Moss. Nem se comparado ao quanto ela queria deixar seus pais orgulhosos. Nem importava que ele se transformasse em uma fera de metal gordinha com oito pernas. A estranheza do Cyborg ao lado dela era o ser mais relacionável do universo para ela.

— Ah, sim, disse ele, com humor em sua voz. — Isso pode ser verdade, mas acho que você pode lidar com isso.

— Sua crença nas minhas habilidades impedirá que você se machuque. O sorriso dela aumentou. — Meu irmão acreditava que eu *nunca* iria dá o troco quando ele reprogramou a navegação da minha nave e me enviou em círculos por semanas, mas isso provou ser sua queda. Coloquei tudo em sua mansão no mercado para venda, aberto ao público a um preço tão abaixo do seu valor que faria você chorar, e realizei o leilão enquanto ele estava em casa, dormindo. Eu nunca vi a expressão de horror no rosto de alguém tão lindamente do que quando ele desceu a escada de mármore com nada além de suas vestes.

— Isso significa que eu nunca, jamais, deveria provocar você. Eu gosto disso.

— Não. Lucy concordou. Ele estendeu a mão para puxar seus cabelos e ela se encolheu nervosamente. A barriga dela saltou, mas ele já estava abaixando a mão. Ela viu o se afastar dela em câmera lenta.

— Por favor...

— Estou saindo em breve. — Moss a cortou.

Ela começou. — Esta noite?

— Depois de fazer minha inspeção final e garantir que você esteja segura. Ele deu um passo atrás e o coração dela caiu. O brilho sedutor em seus olhos desapareceu, substituído por indiferença. Ele estava se afastando dela e ela se sentiu impotente em impedir que isso acontecesse. Sua educação e condicionamento gritavam incansavelmente para que ela continuasse profissional, mas tudo que ela queria fazer era puxá-lo de volta para ela e beijá-lo.

— Fique aqui, Lucy Larkwest. Moss piscou para ela do outro lado da sala. — Eu vou terminar em breve.

Ela estremeceu. — Por favor, não saia sem se despedir, ela se apressou, cada palavra parecendo uma lâmina subindo por sua garganta, mas ele já estava indo embora.

Onze

Moss sentou-se pesadamente no assento do capitão, sentindo as placas de metal em suas pernas e braços vibrarem.

Cada minuto de despedida, cada segundo que levava à sua eventual partida parecia errado em seu mainframe. Cabelos pretos lisos com tons etéreos de rosa neon continuavam se inserindo em sua cabeça.

A brilhante centelha de vida de Lucy fez com que ele sentisse água na boca, apenas para secar com sede e depois com água novamente. Os prós e contras de ser capaz de se desidratar.

Ela nunca perguntou sobre minha outra forma.

Ele temia a conversa inevitável e as milhões de perguntas que sempre se seguiam quando as pessoas descobriam o que ele realmente era. Um shifter tardígrado. Um leitão de musgo. Um urso de água. A maioria das pessoas nem sabia o que era um tardígrado...

Mas agora que a conversa nunca ocorreu com Lucy, ele estava desesperado para tê-la. *Por que ela não perguntou?*

Cada músculo e osso de metal em seu corpo eram rígidos com necessidades não atendidas.

O silêncio entre eles quando ela o levou de volta a nave tinha irritado seus fios. Moss colocou a mão na boca e gemeu.

Ele sabia que ela o queria.

Quando seu olhar pegou o botão de chamada em espera no console, uma explosão de raiva o levou à violência.

— Mia, ele disse ao responder. Eapertou as mãos.

— Isso foi rápido. Como foi o trabalho?

— Perfeito, ele fumegou. *Por que ela se afastou de mim?* Lucy não era como várias das outras garotas nervosas que ele encontrara desde sua criação. — Estou saindo agora.

— Ótimo. Vejo aqui que os fundos passaram. O chefe ficará satisfeito, o que ajudará muito, já que ele não está feliz com você no momento.

Lucy não está feliz? — Coração negro pode ir se foder.

Ele entrou nos sistemas de navegação de sua nave e estabeleceu coordenadas para a Terra. A energia o infundia de todos os lados quando o reator aqueceu e a sequência de decolagem começou. As correntes aqueciam seu interior como um amante, como sua nave sempre fazia depois de uma missão, mas nunca era mais do que uma pálida sombra da realidade. Isso deixou muito a desejar.

Moss abriu as mãos lentamente antes de esmagá-las novamente. Ele tentou não invadir o sistema de segurança da casa de Lucy - para obter mais um visual final dela antes de decolar.

— Eu nunca ouvi você falar assim sobre ele antes... Mia disse, interrompendo seu foco em Lucy.

— Quem? ele latiu, sabendo que Lucy acabara de voltar para sua propriedade e estava dentro da cabine de seu veículo. Saber que ela finalmente estava a salvo dentro dos muros de sua casa, cercada por seu exército de androides, o acalmou. Ela estaria segura com eles. Ele a seguiu. Ele não pôde evitar.

Ela estaria mais segura comigo.

— O chefe.

— Mia, mudança de planos. Eu não vou voltar. Moss interrompeu a comunicação, levantou-se de seu assento e bateu a mão nos sistemas de sua nave, deixando os zaps elétricos fazerem seu punho arder.

Ele não podia sair.

Ainda havia uma piscina para limpar.

E sua nave estava quebrada de qualquer maneira.

Doze

Lucy vestiu o pijama e sentou-se na cama, a xícara de chá para ajudar a dormir tremia na mão. Isso acalmava seus nervos e náusea, mas não ajudaria muito com a dor no peito. Talvez ela também tivesse uma cavidade aberta e quebrada. Muitas das coisas estranhas que Moss disse finalmente começaram a fazer sentido.

Ele se foi. Só de pensar essas palavras fizeram todo o arrependimento que ela sentiu afundar mais fundo. Ela tomou um gole raso do chá antes de colocá-lo no chão. *Ele é apenas mais uma história agora.*

Apenas mais uma para me fazer companhia.

Eu não podia nem ficar para vê-lo decolar. Ela estava com muito medo de se fazer de boba, de agarrar o braço dele feito uma criança, implorando para que ele não fosse embora.

Seu interior murchava. Ela estava sozinha de novo. Mesmo quando chegou a hora de enfrentar sua nova posição na vida como proprietária da Larkswest Industries e receber sua parte nos negócios de seus pais, ela ainda estaria sozinha depois.

Pelo menos eu tenho minha piscina agora.

E minha linda vista. Ela queria sorrir, mas doía muito. Ninguém sabia que, sob sua fachada rica e ousada, ela era apenas uma mulher normal, que ansiava pelas mesmas coisas que queria quando criança.

Um barulho do lado de fora da janela chamou a atenção para o céu noturno.

Uma luz se acendeu em algum lugar lá embaixo, e Lucy estreitou os olhos. Os robôs de limpeza não precisavam de luz para funcionar corretamente. Por que alguém estaria lá agora?

Ela resmungou palavrões em sua casa enquanto se movia para ver o que estava acontecendo agora. — Vou reiniciar você de volta às configurações de fábrica pela manhã.

— Sim senhora.

A janela se abriu quando ela se aproximou, fazendo-a parar antes de espiar. Lucy se inclinou sobre a borda e ofegou.

— Moss? O que você está fazendo aqui?

De pé dois andares abaixo dela, ele segurava uma mangueira em uma mão e uma rede na outra. — Terminando meu trabalho.

Sua respiração deixou seus pulmões enquanto sua mente tentava inutilmente acompanhar o que estava acontecendo.

— Mas eu te levei a sua nave. Eu pensei que tínhamos terminado?

— Nós nunca vamos terminar, Lucy.

Sua mente ficou em branco. — Espere um momento! Eu já vou descer, gritou Lucy enquanto corria do quarto, dando dois passos de cada vez.

Por que ele voltou?

— Moss, ela ofegou novamente, correndo até ele sem fôlego. — Aconteceu alguma coisa? O monstro está de volta? Os olhos dela se arregalaram quando ela estendeu a mão e tocou o peito dele, mas afastou a mão com a mesma rapidez.

— São esses... Ele tossiu e passou a mão pelos cabelos claros. — Esses unicórnios coloridos estão em seu traje de dormir?

Lucy parou e olhou para si mesma. — Eles são narvais. Isso é um problema? Eu gosto do que gosto.

— Eu nunca esperei que alguém como você...

— Não se atreva a terminar essa frase, alertou ela. — Por que você voltou?

— Uau, a herdeira da Larkswest Industries é defensora de suas roupas de dormir. Seu irmão sabe?

— Como você ousa! ela cuspiu, mas nunca conseguiu terminar. Dois braços poderosamente construídos a fecharam e a puxaram para um corpo ainda mais construído. Uma prisão de calor e aço a levou cativa e levantou os pés descalços do chão. Seu corpo ficou tenso abruptamente de surpresa antes de ficar lânguido. Os cabelos estavam afastados do rosto e a cabeça estava puxada para trás.

Os olhos deles se encontraram.

— Estou de volta para você. As palavras dele encheram seus ouvidos.

— Realmente? ela perguntou, sem fôlego.

— Eu tenho que te beijar.

Oh

— Então por que você não faz isso?

— Acho que pode ser a única coisa neste mundo que pode me destruir. Os olhos dele caíram na boca dela.

— Sou corajosa o suficiente para tentar se você quiser, ela encorajou. *Por favor, por favor me beije.*

— Lucy Larkswest. Sou um ser capaz de resistir à radiação gama. Eu posso sobreviver no vazio do espaço. Minha espécie vive há centenas de milhões de anos e viverá por centenas mais. E não quero dizer que parte de mim é uma máquina.

Sua garganta se apertou. — O que você é…

— O que eu sou.

Ela balançou a cabeça. Seu aperto nela apertou e puxou seus cabelos.

— Eu não me importo. Tenho certeza de que se eu pudesse mudar também, ficaria exatamente igual por dentro. Eu provavelmente teria o dobro de pernas e ainda teria aversão a viagens espaciais.

Os olhos dele voltaram a subir para encontrar os dela, e ela tentou dizer-lhe tudo o que não conseguia vocalizar através deles. *Por favor*. Não importava o quão estranhas eram as vidas deles, ela queria pular o retriever e ir direto para a adoção do pastor.

Ele apertou os cabelos dela até os olhos lacrimejarem.

De repente, sua boca estava devorando a dela e lambendo todas as suas dúvidas. Ele a puxou para cima, duro e apertado contra ele, e estendeu a mão para puxar a perna dela sobre o quadril dele. Lucy se levantou e envolveu as duas pernas em torno dele.

Ele gemeu em sua boca e ela o devorou, morrendo de fome por mais.

Seu núcleo formigava, agarrando, precisando desesperadamente ser preenchida. Estar perto de Moss a fazia se sentir assim, como se o vazio era tudo o que ela tinha entre as

coxas, e a única maneira de curá-la era com a mesma coisa que a causava.

O eixo dele ficou duro entre eles, sobressaindo e forçando o caminho para mais perto da entrada dela.

E então ele a deixou ir, deixando seu corpo caído deslizar pelo dele, tremendo e necessitado e não pronto para suportar a noite fria sozinho. — Nãão, ela choramingou.

—Não? ele perguntou, pegando-a e carregando-a para mais longe da casa. — Prefiro ouvir um sim, oh sim, mais, mais! Mais!

— Não me deixe, ela sussurrou, corando, segurando nele apertado. — E eu quero mais. Ele a levou para o lado da piscina. A água estava limpa e sem falhas, não mais lamacenta e escura, graças a ter sido purificada anteriormente. — Eu não quero que você vá.

Ele a colocou no limite e começou a se despir ao lado dela. — Você diz isso, mas tem certeza de que pode suportar as atenções de um homem como eu? Há um instinto animalesco gritando comigo para cobrir sua boceta com minha semente, por dentro e por fora. Quero fertilizar cada um de seus óvulos e afogá-los no meu esperma. Você ainda quer que eu fique?

Lucy ficou boquiaberta e se contraiu, apertando o núcleo desconfortavelmente.

Ele tirou a jaqueta e jogou-a de lado. Soltando as calças, eas empurrou para baixo e saiu delas até ficar em pé sobre ela em nada além de seu nanosuit. Ela apertou os joelhos e olhou de cima a baixo sua silhueta escura. A sombra de sua protuberância era enorme, mesmo sob a luz fraca em algum lugar bem atrás dele.

— Sim. Você não vai me assustar. Ela engoliu em seco. E abaixou os pés na água, esperando que o frio chocasse algum sentido nela. Não deu certo.

— *Humm* . Bom saber.

Ele se abaixou e acariciou seu rosto, passando os dedos pelas bochechas e pressionando seus lábios entreabertos. O dedo indicador dele correu sobre os dentes inferiores e ela o apunhalou timidamente com a língua, provando a carne salgada dele.

Lucy levantou o olhar para procurar o dele, mas só encontrou mais sombras e sinais de expressão. Ela aninhou-se nos dedos dele.

Um gemido gutural escapou dela quando ele se afastou, deixando-a ansiando por mais. Moss virou-se para encarar a piscina silenciosa enquanto seu traje escorregava silenciosamente e completamente de seu corpo. Os músculos que emergiram por baixo tinham seus dedos coçando para tocá-lo. Até as palmas das mãos dela queimaram para pressionar sua pele.

— Cuidado, ele avisou, afundando-se na água com força suficiente para respingar nela.

— Você é um idiota, ela chiou assustada, limpando o rosto. Uma risada rouca encheu o ar quando mãos cobriram seus joelhos, afastando-os.

Lucy gritou quando seus quadris foram levantados do chão e sua calça de pijama foi puxada para baixo. Elas desapareceram sob a água. Ela tentou juntar as pernas, mas foi parada por um Cyborg brutal que as separava. Água, calor, um delicioso calafrio em seus nervos a fizeram lutar contra ele, escondendo sua exposição abrupta e seu crescente vazio ao mesmo tempo. O calor

pesado de seu pênis deslizou por sua parte interna da coxa e seu núcleo novamente se apertou em torno de nada.

As unhas dela roçaram seus ombros e a risada de Moss parou.

— Não é um cavalheiro, acusou ela.

A boca dele desceu sobre a dela e ela permitiu que ele a deixasse submissa. A língua dele roçou seus lábios de novo e de novo, lentamente a princípio, macios no começo, embalando a tensão de suas mãos, seu corpo.

Lucy não podia acreditar que ele estava aqui com ela agora, beijando-a em uma poça de sensação quando ela tinha tanta certeza de que nunca o veria novamente.

Moss segurou a parte de trás de sua cabeça e a pressionou contra a borda de pedra enquanto ele lambia os lábios dela. A face contundente de sua língua deslizou sobre sua bochecha, ao longo da curva de seu pescoço, e apenas parou brevemente para puxar sua camisa ensopada para revelar seus seios. Ele os beijou avidamente.

Ela arqueou, precisando de mais, enquanto ele os chupava, lambendo e beliscando, e molhando-os com sua saliva.

A saliva dele. Ela miou. Ele encheu sua boca e agora cobria seus seios. Lucy passou as unhas por cima dos ombros e segurou a cabeça dele. Ele desceu, mas parou em seu estômago, onde sua língua agora passava dentro e fora de seu umbigo.

Ela se contorceu no espaço entre eles, procurando desesperadamente um final feliz para o vazio desconfortável que crescia dentro dela.

— Eu queria você assim no momento em que coloquei os olhos em você, ele sussurrou calorosamente contra a pélvis dela, segurando os quadris dela entre as mãos. —Eu não posso explicar.

— Por favor. Lucy implorou, sem saber mais o que dizer.

—Eu também queria você

— Eu sei. Seus braços tremiam enquanto ela o segurava, seu sexo totalmente exposto em algum lugar entre eles, matando-há um pouco mais a cada segundo que passava sem atenção.

— Eu não quero esperar mais.

Olhos diabólicos a prenderam no local, e seu sorriso sabido parou seu coração. Sua barriga tremia.

— Isto fica entre nós, disse ele, sorrindo para o estado desgrenhado dela.

Lucy franziu a testa. — O que... O quê?

Ele puxou as pernas dela para longe de seus quadris e a espalhou completamente na pedra. Suas mãos molhadas deslizaram por seus membros para segurar seus pés enquanto ele abaixava o rosto entre as coxas. De repente, sua língua sequenciada por sexo, esfaqueou sua abertura, entrando e saindo com uma velocidade incrível.

Ela agarrou e tentou segurar o orgasmo, gritando de choque. Seus gemidos se tornaram mais instáveis e frenéticos quando ela tentou se afastar. A sensação se tornou demais para lidar, mas ele a manteve onde a queria, se debatendo e resistindo sob seu comando.

— Moss! ela gritou, vendo estrelas mesmo com os olhos fechados. — Demais.

Seu riso profundo foi sua única resposta quando algo grande, molhado e redondo cobriu seu sexo com uma fenda para o clitóris. Ela se levantou para ver o que era, mas uma mão no peito a pressionou de volta.

— Sem olhar ou você vai estragar a diversão, disse Moss.

Ela só podia ver os olhos dele por todo o corpo. — Sua boca?

— Não pense sobre isso. A boca dele a envolveu novamente. Quente, úmido, gratificante e com tanta sucção. Não havia mais língua, mas não precisava. Em vez disso, ela sentiu camadas de calor e pontos de pressão, todos trabalhando juntos para tocar cada centímetro de seu sexo ao mesmo tempo. Ele pressionou e puxou a metade inferior do rosto sobre ela, amassando, massageando e conquistando cada terminação nervosa. A saliva jorrou de sua boca e ele a trancou no lugar.

Ao longo das bordas externas de sua boca deslocada, nas curvas de seus lábios e coxas, ela sentiu a pressão de aço do metal se movendo.

A pressão avassaladora a deixou tão rapidamente quanto a consumira, mas depois voltou, forte, longa e avassaladora. Ele cutucou sua entrada e pressionou nela. Moss se moveu sobre seu corpo, sua forma sombria bloqueando a luz das estrelas quando ele começou a bombear seus quadris.

Um grito selvagem rasgou sua garganta, cru e faminto quando o horrível vazio entre suas pernas foi devastado. Ele a encheu lentamente, espalhando-a e reivindicando todas as convulsões de seu clímax. Ela tremeu ao redor, precisando de mais e ainda temendo o que faria com ela e o que aconteceria quando a enchesse.

— *Moss*. Lucy gritou silenciosamente, ofegando e balançando os quadris para estimulá-lo.

Ele soltou as pernas dela e se inclinou completamente sobre ela, ofegando em seu ouvido. Ela colocou os braços e as pernas ao redor dele. Quando os quadris dele se afastaram, ela gemeu e se moveu com ele, e quando eles dispararam para frente, suas costas bateram no chão. Ela o agarrou com mais força quando gotas de água caíram de seu corpo para espirrar no seu.

Quando a sensação de um clímax se desvaneceu, outro começou a se construir de novo. Algo lá embaixo brincava com seu clitóris, mas ela não se importava mais em ver que parte interessante dele havia mudado. O homem que respirava com dificuldade contra sua orelha era tudo com o que ela se importava. Ela virou o rosto para o lado e beijou sua mandíbula.

— Lucy. ele murmurou, capturando sua boca e acelerando seus impulsos. Ela apertou as coxas ao redor dele e combinou com seu ritmo, pedindo que ele deixasse seus instintos tomarem conta.

— Está tudo bem, ela ofegou. Ele a pressionou no chão, roendo e passando os dentes sobre o lábio inferior. Seu impulso ficou mais frenético. — Faça isso, ela o encorajou com outro grito, enquanto a pressão úmida e um conjunto diferente de protuberâncias estranhas esfregavam seu clitóris. — Sim! Lucy recuou, despedaçando-se. Moss, cobrindo-a da cabeça aos pés, juntou-se a ela em liberdade.

Dar a ele uma nota A não era suficiente. Ela manteria esse segredo em seu túmulo.

Treze

Moss carregou Lucy de volta para seu quarto, onde ele a colocou gentilmente na cama ao lado de sua xícara fria de chá. *Hora de dormir. Não haveria sono esta noite se eu conseguisse.* Ele não estava nem perto dela e sabia que provavelmente nunca o faria. A obsessão de um ciborgue era algo perigoso de se ver. Mas, ao contrário dele, Lucy não suportava os elementos, nem tinha a resistência de sua espécie.

Ele teria que remediar isso, mas não hoje à noite.

A água da piscina era boa pingando em sua pele. A essência de Lucy tinha um sabor ainda melhor. Quando ele apalpou a boca dessa vez, foi para espalhá-la ainda mais pela pele. Sua fome por ela o atormentou.

Ele silenciosamente se afastou e entrou no local onde sabia que o banheiro dela estaria, enquanto a encarava, incapaz de tirar os olhos da visão da mulher confusa que estava prestes a reivindicar novamente. Ele pegou uma toalha da prateleira e voltou para onde ela estava, olhando-o de volta.

Em um silêncio de adoração, ele passou sobre sua pele pálida para secá-la, deixando apenas alguns lugares estratégicos ainda molhados.

Lucy olhou para cima e alcançou-o, pegando seu pau grosso na mão e puxando-o na boca. Ele agarrou o cabelo dela e pressionou a cabeça bonita contra ele, querendo sentir-se deslizar por sua doce garganta. Jorros de sementes dispararam dele.

— Pequena Lucy, brincar com Cyborgs que têm traços animalescos não é inteligente, ele gemeu, balançando os quadris levemente para frente e para trás. O cheiro dela encheu suas narinas mais uma vez, seduzindo sua necessidade de acasalar como o idiota tardígrado que ele era.

Ele não estava mentindo quando contou a ela sobre afogar seu sexo com sua semente.

Ela se afastou dele com um suspiro. — Eu não quero que você saia.

Moss estreitou os olhos e a estudou. — Eu não estou indo.

— Quero dizer. Eu não quero que você saia. Do tipo para sempre. Ela desviou os olhos dele lindamente e depois voltou para sua enorme cama. Ele se inclinou sobre ela, pressionando as mãos em ambos os lados da cabeça dela para examinar seu rosto. Um rubor subiu lentamente de seu peito para florescer em suas bochechas. — Eu estou sendo ridícula.

— Eu não posso sair.

Ela finalmente encontrou o olhar dele, e ele moveu o joelho para o outro lado, preparando-se para prendê-la novamente.

— O que você quer dizer? ela perguntou.

— Minha nave está quebrada. Estou preso aqui indefinidamente, pelo menos até encontrar alguém para me dar uma carona interestelar ou ter as partes certas para consertá-la.

—Você está brincando comigo? Ela tentou se sentar. — É melhor você estar brincando.

— De modo nenhum. Estou preso até novo aviso. As peças estão espalhadas por toda a propriedade. Pode levar semanas para encontrar todos elas. Ele a empurrou de volta para baixo.

— Como você ousa! Ela atirou de volta. E ele a empurrou de volta para baixo. — Como você fodidamente se atreve?

— Amaldiçoando agora, herdeira? Moss não conseguiu mais manter o sorriso no rosto.

— Você mentiu para mim. *Seus olhos poderiam brilhar mais lindamente?*

— Você é um urso! Ela empurrou seu peito, e seu pau pulou. — Liberte-me! Ela tentou sair de debaixo do braço dele. Moss a pegou, explodindo em gargalhadas quando ele a colocou de volta na cama.

—Nunca. Ele se inclinou para esfregar o nariz no dela.

— Quero dizer, por que mais eu iria quebrar minha própria nave? Isso vai contra todos os códigos do meu mainframe. Isso vai contra o código *Cyborg*.

Lucy parou de lutar com ele. — Ugh. Você é o pior.

Ele a beijou suavemente nos lábios. — Ou o homem mais maldito já unido com a criatura mais invencível que já veio do planeta Terra. Moss pontuou cada palavra com outro beijo sussurrado.

Quando ela começou a beijá-lo de volta, ele sabia que tinha vencido.

— Eu vou te pegar de volta por isso, ela ameaçou.

Música para meus ouvidos. — Mal posso esperar.

EPÍLOGO

Três meses depois.

Moss andava de um lado para o outro no arsenal de Larkswest, puxando e passando os dedos pelos cabelos simultaneamente. Havia uma multidão lá fora, muito mais do que qualquer Cyborg deveria lidar normalmente. Muitas pessoas o lembraram da guerra. Isso foi pior que a guerra.

Esta foi a primeira vez para a sua espécie. Pelo menos, publicamente, foi o primeiro.

A porta do arsenal foi aberta e Nightheart passou por ela. Levou menos de um microssegundo para o seu antigo patrão traçar o perfil dele. — Você está destruído. Esta vida não é para você. Devia voltar para o EPED. Era tudo o que o Moss não queria ouvir.

— Essa propriedade tem uma IA de inteligência. Eu poderia acabar com sua existência antes de seu próximo suspiro. — Moss não estava mais do lado da casa. As frustrações de Lucy se tornaram suas.

Nightheart encolheu os ombros e ajeitou a manga do terno. — Talvez, mas não sem baixas. O homem suspirou.

— Eu não quero você de volta de qualquer maneira.

— Sim, ouvi dizer que você já me substituiu. Obrigado por não esperar uma semana. Eu me sinto tão dispensável. Como está o novo recruta?

— Dommik é exatamente como você esperaria que ele fosse.

O lábio de Moss se contraiu. — Você não pode ter criaturas pequenas e grotescaso suficiente no seu grupo, pode?

— O que posso dizer? As bestas majestosas do projeto shifter morreram na guerra. Nightheart sorriu. — Somente nós, os feios filhos da puta, restaram.

— Que pena, murmurou Moss.

— Que pena. Nightheart concordou. Eles ficaram ao redor, confortavelmente desajeitados, enquanto compartilharam um momento de silêncio por seus irmãos perdidos. —Bem, você está pronto?

Moss inalou. — Eu acho que estou. Você está?

— Não. Acho que vou voltar e patrulhar com o resto dos andróides.

Moss assentiu e se dirigiu para a porta, parando brevemente ao lado de seu antigo chefe e apertando seu ombro. — Obrigado por tudo, cara. Quero dizer.

— Ela sabe o que você é, certo?

— Inferno Sim.

Nightheart apertou seu ombro de volta.

— Então não me deixe te parar.

Moss grunhiu e se afastou, puxando as bordas de seu traje, não muito diferente de seu amigo momentos antes. Lucy e o mundo dela esperavam por ele do outro lado, e ele estava prestes a assumir um novo sobrenome, porque, bem, em sua linha de trabalho, os sobrenomes podiam ser rastreados, e tudo o que ele queria agora era rastrear ele mesmo até ela.

— Ah, e Nightheart, ele se virou para olhar para o amigo,

— Prometi a Mia uma lembrança. Cuide disso para mim, sim?

Moss abriu a porta do arsenal e saiu sem esperar por uma resposta. Ele ocupou seu lugar no final do corredor, a piscina e toda a sua bela glória nas costas. Ele estava pronto para se casar com a noiva da única maneira que um tardígrado como ele poderia.

Com uma promessa real de eternidade e proteção contra todas e quaisquer forma de desastre de fim mundial.

Ter e manter, a partir de hoje, para o melhor, para o pior, para a riqueza , para a pobreza,para a doenças e a saúde, o amor e o carinho, até uma morte que nunca os separaria.

☆***

Enquanto isso.

— Ele não sabe, não é?

— Ele não tem ideia! Lucy riu, vestindo a fantasia de urso gigante de água por cima do vestido.

— Eu não entendo... Seu irmão olhou com raiva, inclinando a cabeça de um lado para o outro enquanto olhava para a monstruosidade bulbosa. — Me diga de novo?

— Não há tempo! Agora me ajude a entrar nessa coisa. Ela empurrou o rosto para o buraco designado. — Feche as costas.

Ela ouviu mais do que viu Nelson suspirar pesadamente quando ele fechou as costas de sua roupa. As abas soltas de sua

roupa se formaram ao seu redor e ela se encolheu no espelho do chão ao teto.

— Perfeito, ela respirou com emoção. Era tudo o que ela sonhava. — Ele vai desmaiar.

Nelson resmungou. — Mais como correr gritando do altar. Mamãe e papai ficariam tão orgulhosos.

Como a maioria das coisas que seu irmão disse, ela não prestou atenção. Ela estava muito animada com o horror que estava prestes a acontecer.

Ela balançou para frente e para trás, aproveitando o movimento de seus oito braços e pernas.

— Deus, você é uma psicopata, disse Nelson.

A música do casamento começou a tocar.

— Aceite! Está na hora. Venha, pegue meu braço!

— Qual!?

— Não importa!

Eles pularam como lunáticos, mas acabaram chegando à porta. Lucy olhou para o irmão e sorriu. — Obrigado.

Nelson zombou e levantou o queixo. — É melhor ele realmente te amar.

A porta se abriu, o véu se levantou e um silêncio terrível caiu sobre o quintal.

— Ele faz. Ele realmente faz.

O Fim.